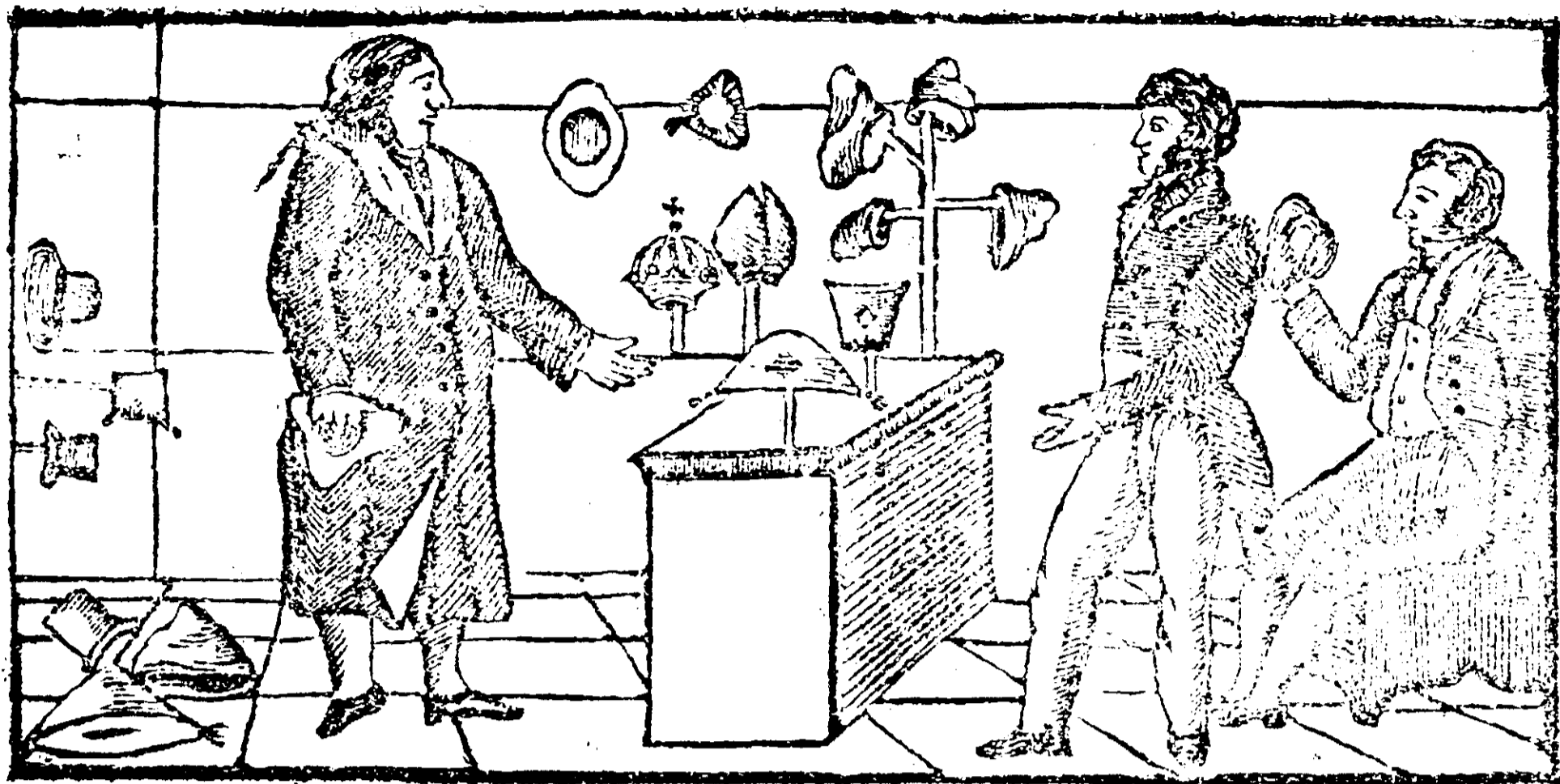


O
CARAPUCEIRO

21 DE JUNHO
DE 1837



O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Huu servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.*
Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta Folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

A doutrina do interesse.

Sei, que alguns dos meus Leitores, mormente da classe dos Senhores Academicos, imbuidos nas obras do sabio Jurisconsulto Inglez, Jeremias Bentham, não levárão a bem, que em o meu N.º 20 procurasse eu desconceituar a celebre doutrina do interesse. O Sr. de Bentham em o Diario N.º 123 attribue este meu modo de pensar a ranço dos claustros, onde teve os maus estudos. Engana-se completamente esse Senhor, e nisto dá mostras de pouca lição; por que se a tivera sufficiente, não ignoraria, que a doutrina do senso intimo, e do dever segregados de toda a consideração de interesse de qualquer natureza, que seja, data da famosa Escola de Zeno, assim como a da dor, e prazer, ou a do interesse começou a vogar na Escola de Epicuro.

Estes dous grandes homens assenhorearão-se dos factos mais notaveis da humanidade, mas diametralmente oppositos, que vem a ser; a sensibilidade, a razão; e levando por diante e com

tenacidade as ultimas consequencias dos seus principios, chegarão a duas conclusões contrarias. Epicuro endeeou o interesse, Zeno o desinteresse. O primeiro buscou o prazer, o segundo fugio delle. Epicuro queria a submissão de todos os actos da vida a os desejos, Zeno advogava a submissão perpetua dos desejos ao dever. Platão, que successivamente correo com os seus olhos d'aquia por todos os ramos da sciencia Philosophica, e que alem disto era realmente virtuoso, volveo para a Moral as suas meditações, e proclamou hum novo fundamento do dever, que he a tendencia para a perfeição, e a identificação do homem com a Divindade. Este motivo, que em seculos de mysticismo, e d'exaltação podia inspirar grandiosas virtudes, pouca sensação produzio no seu tempo, e só permaneceu na memoria dos Philosophos.

Depois veio Aristoteles, que estabeleceo por base de toda a Moral o interesse politico: mas em verdade nem este, nem Platão exercerão influencia

sobre os systemas moraes dos seculos subsequentes. Só Epicuro, e Zeno, que fallavão às grandes paixões, repartirão entre si o imperio moral do mundo. As almas fracas, ou corrompidas seguirão as bandeiras do primeiro, e até lhe deturpárão a moral; as almas altivas, e independentes abraçarão o Zenonismo, e escudados desta egide sancta affrontavão imperterritos os golpes da fortuna: finalmente correo de plano, que no mundo só havia de real, e verdadeiro a virtude, que o sabio era Rei, que a dor não he hum mal: nem todos porem desprezárão estes paradoxos sublimes, pouco entendidos da multidão contemporanea. Cicero os embellezou com todas as flores da sua eloquencia. Seneca popularisou-os, e de alguma sorte os poz em moda. Marco Aurelio proclamou-os sobre o throno, e Arriano fortificou-os com a auctoridade de Epicteto nos ferros.

Mas J. C. apparecendo na Palestina, veio trazer ao mundo as verdadeiras luzes. O universo, que cahia em dissolução, ia ser regenerado pela doce, pura, e Sancta Moral do Christianismo. Alguns depositarios da palavra Santa tinham em fim recebido a noção augusta da Divindade, noção já cirandada dos erros, e extravagancias, com que a havia embaciado a loucura dos seculos. Então se patenteárão às Nações a perfeição da sabedoria Divina a immensidade do seu poder sua bondade inexaurivel, a perpetuidade d'huma intervenção celeste especial em os actos humanos, e a solitudine de huma Providencia, que se digna mandar, vigiar e recompensar. Então foi resolvido o grande problema a respeito do homem. Conheceo-se o fim da vida, o motivo d'associação entr'alma, e corpo, o resultado da virtude desinteressada, e a felicidade eterna merecida, pelo sacrificio da terrestre. Sim, dizia J. C. com Zeno, o homem deve ser virtuoso só por ser virtuoso. Sim acres centava elle com

Epicuro; o fim do homem he a felicidade: mas para que he sacrificar huma destas verdades eternas, á outra? Ambas são verdadeiras huma pela outra. Sede virtuosos sim outro motivo mais do que ser virtuosos, que a felicidade vos caberá em parte. Praticai a virtude per si mesma, e outra cousa, que não he ella, recompensar-vos-á. O prazer pertence de direito a quem o despreza Rejeitai-o neste mundo, e gozareis de hum mundo melhor. Vós criéis, que além do tumulto nada existia: desenganai-vos: distingui a existencia da vida. Com o corpo vós viveis, separados deste, existes. A vida he o stadio, que cumpre correr; a existencia he o anfiteatro immenso, onde chegareis vencidos, ou vencedores: a vida he essa curta serie de provas, que precede á iniciação; a existencia he a mesma iniciação, finalmente a vida he o noviciado da existencia.

Estes principios sublimes derramão-se manso e manso, posto que de baixo de formas menos scientificas e destronizárão por fim o Stonismo, e Epicurismo. A Filozofia sensualista, e emminentemente revolucionaria do Seculo 18 resuscitou a doutrina do prazer, ou do interesse, endoesado por Bolingbroke, Chesterfield, e Shaftesbury em Inglaterra, e em França por Hebevecio, o Barão d'Holbac, Diderot, Voltaire, &c. Só J. J. Rousseau procurava combater essa doutrina perigosa, e nisto concordava com Pascoal, com Fenelon, Nicole, &c. até que appareceo o celebre Jurisconsulto Inglez, Jeremias Bentham, dando voga ao principio do interesse tornando-o a mola real das accões humanas, e base de toda a Moral: mas ultimamente hum engenho assombroso, o immortal Kant, reformou inteiramente a Filozofia, e a Europa culta, assás escarmentada dos effeitos terriveis dessas doutrinas destruidoras, hoje abraça com avides a escola espiritualista, hoje defende, e propaga o sauda-

vel principio do dever fundado no honesto, e justo, independente do interesse: hoje finalmente os sabios, e Literatos da Europa nenhum apreço fazem dessa theoria de Bentham, que tem caducado, e cahido em desprezo. D'aqui ajuize esse Senhor, que taxou de claustraos os meus principios, qual seja mais ferrugenta, e sedicã, a causa, que advogo, ou a doutrina do seu predilecto Bentham, de que hoje ninguem faz caso na illustrada Europa; e advirta, que Kant, D. Stewart Royer-Colard, Cousin, Jeoufroy, Benjamin Constant, Paley, Joze Droz, e toda a escola espiritualista, toda a escola Ecletica, que sustentão a doutrina saudavel do senso intimo contra o perigosissimo principio do interesse, certamente, não estudárão nos Claustros, nem me consta, que hum só d'entre elles seja Frade, assim como não he producção claustral a *Revista Brasiliense*, Jornal escripto o anno passado em Pariz por hum Sociedade de Literatos Brasileiros.

No 1.º vol. desta obra, quando tracta da Filosofia da Religião a pag. 31 assim se exprime o illustre Auctor. „ Ninguem dirá certamente, que ahi (no Brazil) domina a Moral do dever, a Moral Religiosa. A Moral livre he a unica, que ahi se conhece, a Moral do interesse tal como ensinára Helvecio, he a unica praticada. O Tractado de Legislação de Bentham he o Código dos Legisladores. A Filosofia ensinada nas escolas á mocidade he a das sensações; a theoria de Condillac, de Cabanis, e de Fracy, theoria, que em rogorosa consequencia no materialismo depára, he geralmente conhecida, e abraçada como hum dogma, como hum verdade incontestavel, em fim como a ultima expressão da Filosofia.„

Por fim conclue desta maneira, Resumiremos este artigo dizendo, que a Religião he hum dos mais fortes elementos da sociabilidade; que a Moral

do interesse não he Moral, que a ella devemos todos os males, com que lutamos; que com ella toda a Politica he má; que com ella jamais poderemos engrandecer-nos. O interesse avilta todas as ideias, e repudia todos os grandes sentimentos. Convem, que o Governo ao menos hum a vez lance os olhos sobre a Mocidade; que faça ensinar nas Escolas hum a Moral pura, hum a Filosofia sã, e nutra o sentimento do amor Divino. Nós não podemos temer o fanatismo Religioso, ao contrario tudo sofremos do estado actual.„

Passemos a combater em seus principios a pestilente doutrina do interesse, para o que forçoso me he produzir novos argumentos, que tenho colhido da lição de Pariset, de Cousin, de D. Stewart, que são hoje os grandes Preceptores da Moral na illuminada Europa. Existe sem duvida huã obrigação Moral, o que se prova pela existencia do Bello: pelas revelações do senso intimo, e pela ideia do Direito.

Quem ousará negar, que a quasi todas as acções começadas, ou acabadas, contemporaneas, ou passadas damos hum a qualificação relativa a outra causa, que não he seguramente a vantagem, ou desvantagem, que d'ahi resultem para outros, ou para nós? Este facto observa-se em toda a parte. Hum Alceste offerecendo-se á morte para salvar seu esposo: hum Piladès, que segue a seu amigo no meio das tempestades, excitão-nos a admiração. Atreo, despedaçando os filhos de seu irmão; Achilles arrastrando trez vezes o cadáver d'Hector em torno dos muros de Troia, dispertão em nós o odio, e o horror. Que nos interessão entre tanto estas historias fabulosas, que remontão a mais de trez mil annos? Que nos importão igualmente, para que os amemos, hum Aristides, hum Sócrates, hum Regulo, hum Eponina, hum Fenelon, hum Las Casas, hum S. Vicente de Paula? Pelo contrario que mal nos fizerão Sylla,

Nero, Dionizio, Tiberio, Felippe 2.º, ou Carlos 9.º para os detestarmos, como se fôramos seus contemporaneos, e vassallos? Será por ventura a sensibilidade, que de certo modo nos trasmonta alem do lugar, e do tempo, e faz, que experimentemos impressões de prazer, e de sofrimento, como se existissemos no mesmo seculo, que elles? Mas os homens menos sensiveis fazem o mesmo juizo com a mesma força, e constancia. Sera o raciocinio? Mas estes juizos são todos instinctivos, e espontaneos. Será a imaginação? Mas a imaginação he fraca em huns, nulla em outros, variavel em todos; e não só todos julgão, se não que julgão do mesmo modo. O senso intimo sim he, que pronuncia sem premeditação, e sem hesitar - *Isto he bom, aquillo he mau.*

He sem duvida o senso intimo; por que quando nós obramos, elle contrasta as nossas acções, pondo-lhe o cunho da approvação, ou da reprovação; e antes de julgarmos as acções de outrem, nós, nos transportamos pelo pensamento ao lugar do agente, e só o condemnamos, ou elegiamos nos casos, em que o mesmo fariamos a nosso respeito. O senso intimo chama-se então consciencia, que vem a ser esse juiz severo, e inflexive, que sentencêa, approva, e condena sem appellação, que desempeçado das ambages, subterfugios, e alicantinas dos Tribunaes humanos recompensa com delicias inefaveis, ou pune com euexplicaveis angustias.

Mas dirá alguém: qual he a auctoridade da consciencia? Em nome de quem sentencêa ella? Quem me obriga a que a escute, e esteja por suas decisões? Qual he finalmente a auctoridade da consciencia? He a auctoridade do senso intimo, auctoridade soberana, irrefragavel, e universal. E em nome de quem sentencêa a consciencia? Em nome d'aquelle que a creou, em nome da verdade, e da intelligencia, em nome de Deos em fim. Mas quem nos obriga a estarmos por suas decisões? Quem? Busquemos subtrair-nos a ellas: denunciemos hum bemfeitor a huma Policia cautellosa, e cruel, levemos a chama devastadora ao humilde abvergue do pobre, enterremos o punhal no seio maternal, e fiquemos livres de remorsos, se he possivel. O tigre dilacera a sua preza, e dorme: o homem assassina, e vela. Este só facto diz tudo: o homem sofre: elle muda de semblante: seus olhos vagueão assustados, e incertos; de tudo se atemoriza: logo obrou mal, e se obrou mal, devia obrar bem; devia em summa; logo há deveres.

Se a força, ou a astucia me arrancão os bens, que vagarosamente ad'quiri, e com o suor do meu rosto, se apezar da regularidade he huma vida pacifica, e inoffensiva, me sequestrão a amigos, a parentes, e dão conmigo no lobrego recinto d'huma masmorra; se violando o intimo asilo do pensamento me querem impor crencas,

que eu repillo, ou tirar-me opinões, que me são caras, ao passo que a dor, e a indignação se assenhoreão da minha alma, ou amesquinho-me da minha sorte, queixome do causador de meus males, e grito contra a injustiça, que soffro. Se o homem porem não tivesse parte nos infortunios, de que sou victima, se as ondas de hum mar embravecido submergisse o meu navio, se hum raio demolisse a minha casa, se a queda de hum rochedo me esmagasse hum membro do meu corpo; se perdido, e descarreado no meio de hum deserto, forçoso me fosse viver ahi solitario, e ignorado do restante do mundo; nenhuma destas circumstancias certamente excitaria em mim a indignação. Eu lamentaria sim a minha infeliz sorte, sem fazer queixumes de objectos, que erão causas cegas dos meus padecimentos; e seguramente não me viria a ideia taxar de injustos as ondas, ou o raio, os rochedos, ou as areias do deserto. Deste modo causas differentes excitão em mim differentes sentimentos: mas que monta a differença das causas? Que me importa ser desapossado de meus bens por huma tempestade, ou por hum roubo de mão armada? Se tenho de viver ferido, enfermo, ou cortido de dores, que me importa o haver sido lesado por hum pedaço de pedra, ou ferido pelo punhal de hum inimigo? Mas estes entes cegos, inertes, e materiaes não pensão em me offender: se fazem mal, não he por que o queirão fazer, e por isso não há para que os accuse de intenções funestas. Não he assim o homem: elle pensa, elle quer, e obra por si mesmo. Se me fere, se me rouba, se me prende, tudo lhe attribuo: e se o meu corpo, meus bens, a minha vida me pertencem, ninguem tem o direito de dispor destas cousas, ninguem tem direito de m'as tirar. D'aqui se segue infallivelmente que os outros homens, são obrigados a respeitar a minha vida, meu corpo, meus bens, tudo que he meu em summa, e consequentemente são adstrictos a certos deveres. E na verdade todo o direito suppõe hum dever; por que estes termos são correlativos, e hum envolve a noção do outro.

Paremos aqui. A materia he de summa importancia, e pretende proseguir nella; e verá o Sr. Amigo de Bentham, que injustamente taxou de declamação os meus escriptos sobr'este objecto; por que eu produzo rasões, argumentos, provas, e isto não merece o nome de declamação. Responderei tambem a alguns principios, que me parecem vagos, e insustentaveis; do Sr. Correspondente, e o Publico sensato, e instruido será o nosso Juiz. Quanto ás pessoas, que só querem facceias, e pilherias, tenham paciencia; que a jocosidade nem sempre tem lugar; e hum assumpto taõ grave, e de tanto momento não deve ser tractado no estylo de Marcial, ou Juvenal.